

## **CORPO, GÊNERO, SEXUALIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO EDUCATIVO**

Beatriz Xavier Vasconcelos<sup>1</sup>; Katrine Teixeira da Silva<sup>2</sup>; Nathaly do Nascimento Veras<sup>3</sup>;  
Samuel Pires Melo<sup>4</sup>; Thais Maria Santos Macedo<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Piauí Campus Ministro Reis Velloso/ E-mail- beatrizvasco2015@hotmail.com;

<sup>2</sup> Universidade Federal do Piauí Campus Ministro Reis Velloso/ E-mail- katryne3108@hotmail.com;

<sup>3</sup> Universidade Federal do Piauí Campus Ministro Reis Velloso/ E-mail- nathalyveras@hotmail.com.br;

<sup>4</sup> Universidade Federal do Piauí Campus Ministro Reis Velloso/ E-mail- Samuelmelo@ufpi.edu.br;

<sup>5</sup> Universidade Federal do Piauí Campus Ministro Reis Velloso/ E-mail- thaismariap2@hotmail.com

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo compreender como se dá a experiência de estudantes da rede básica de ensino com o corpo, gênero e sexualidade no processo educacional. Essas são temáticas historicamente situadas e compreendidas, que vão se desenvolvendo por múltiplos mecanismos de vigilância, controle, confissão e curiosidade, com o objetivo de desvendar os prazeres, sentimentos, práticas e comportamentos. Sujeitos que fogem desse esperado, geram passagem e transformação, que vão gerar outros acontecimentos discursivos e ações, como é o caso da maneira como a escola se atravessa por esses temas, que vão interferir no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, a escola assume a perspectiva de construir uma sociedade e uma escola mais justas, solidárias, livres de preconceito e discriminação, identificando e enfrentando as dificuldades que temos tido para promover os direitos humanos e, especialmente, problematizar, desestabilizar e subverter a homofobia, corpos e gênero. Nesse sentido, torna-se necessário observar os modos como esses pensamentos são construídos e reconstruídos na posição de normalidade e de diferença que lhes são atribuídos. A abordagem que utilizamos foi a pesquisa qualitativa, em uma escola privada de Parnaíba-PI, para entender como os alunos lidam com essas diferenças biológicas e culturais, e o principal recurso utilizado foram entrevistas, que nos forneceram relatos pessoais de estudantes que já sofreram discriminações e como conseguiram superá-las, e se, de alguma forma, a escola utilizou algum meio de intervenção para lidar com o problema. Diante dos resultados obtidos, foi constatado que a escola ainda não tem um papel influente no processo de desconstruir o preconceito com a diversidade cultural e sexual.

Palavras-chave: Sexualidade; Padrão; Gênero; Escola; Sociedade.

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem por objetivo compreender como se dá a experiência de estudantes com o corpo, gênero e sexualidade no processo educacional, tendo como objetivos específicos situar a experiência de estudantes com a temática corpo, gênero e sexualidade; verificar se tais processos interferem na aprendizagem dos alunos; analisar como a escola é atravessada por isso. pois a escola é uma instituição que tem por finalidade assegurar educação de qualidade para seus alunos, fazendo com que eles desenvolvam uma relação harmoniosa com o saber e tenham um pensamento crítico a partir da compreensão sobre as diferenças corporais e sexuais que culturalmente se criam na sociedade, possuindo um papel fundamental na desconstrução desses assuntos tratados como tabus e é por isso que ela torna-se indispensável na construção de valores morais e

sociais, tal como é proposto pela Lei das Diretrizes e Bases: na liberdade e nos ideais de solidariedade humana tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

O conceito de beleza e sua relação com o corpo já passou por diversas mudanças ao longo do tempo, No período renascentista, por exemplo, mulheres mais rechonchudas eram tidas como belas e associavam-se à ideia de fertilidade. Na atualidade, contudo, nota-se que o padrão de beleza é justamente o contrário da Renascença, o que se tornou um problema por ser um padrão tido como inalcançável pela maioria das pessoas e inconscientemente toda a população se vê inseridas nesse processo de padronização, fazendo assim com que na adolescência muitas se tornem introvertidas por não se julgarem capazes de ser como a sociedade cobra, o que acaba por afetar o aspecto social e educacional, pois por se sentirem excluídos dos grupos alguns alunos perdem total interesse em frequentar escola, sendo o Bullying o principal motivo. Silva (2010, p.38) cita que “qualquer coisa que fuja ao padrão por determinado grupo pode deflagrar o processo de escolha de vítima do bullying. Os motivos sempre injustificáveis são os mais banais possíveis.”

Relacionando ao Gênero, é necessário entender que a escola é um ambiente de acolhimento e socialização onde, em tese, todos os adolescentes a frequentam em algum momento da sua vida, ocasionando uma ampla diversidade cultural, sexual e social presente no dia a dia escolar. Sendo necessário encontrar maneiras de lidar com as diferenças sem que estas se transformem em motivos de preconceito ou discriminação, devendo-se assegurar que pessoas de identidades de gênero diversas frequentem a escola tendo suas identidades respeitadas. No entanto, a separação de gêneros ainda é muito presente nas escolas, banheiros distintos, filas e brincadeiras que separam meninos e meninas. “Por isso, cabe aos educadores estarem atentos para não educarem meninos/as de maneiras tão distintas” (LOURO, 1997, p.7). O debate precisa se disseminar nos ambientes educacionais, para que a inclusão da temática “gênero” seja efetivada, de fato, nos currículos escolares e professores das diferentes disciplinas possam lidar com o tema e com situações do cotidiano relacionadas a ele sem afetar negativamente as pessoas que vão além do gênero masculino e feminino.

Desde a antiguidade a sexualidade está relacionada à vida, sensações, sentimentos e emoções, já nos dias atuais há uma grande necessidade de repensar sobre as relações humanas, focando principalmente na homossexualidade. Segundo Ribeiro (2009) estamos em uma fase de transição de opinião que vem sendo notório a todos. É comum vermos casais homossexuais em todos os ambientes e cada dia mais a liberdade de escolha sexual começa a

ser aceita, mostrando a mudança da sociedade. Mas pesquisas revelam que 87% da comunidade escolar tem preconceito contra homossexuais. O conflito que se expressa no preconceito e na discriminação por orientação sexual pode ser traduzida nos termos, homofobia, lesbofobia, transfobia e bifobia dependendo do sujeito ou grupo para o qual se dirige o pensamento que excluem (CIEGLINSKI, 2009).

## **METODOLOGIA**

Para realização da pesquisa, fez-se necessário uma abordagem qualitativa (LÜDKE & ANDRÉ, 1986), pois buscamos compreender as experiências de estudantes com os temas – corpo, gênero e sexualidade em ambiente familiar e social. Fizemos observações do tipo direta e entrevistas semiestruturadas. Essas técnicas foram importantes porque a pesquisa envolvia um assunto de teor pessoal e social dos/as entrevistados/as. As principais questões giraram em torno: você se sente representado pela sociedade? Você se sente bem em ir à escola? Você já sofreu algum tipo de preconceito? Como reagiu?

Foram questões como as citadas acima que foram levantadas em um momento de depoimentos de quatro jovens, com idade entre 14 e 15 anos, solteiros (as), do 9º ano de uma escola privada de Parnaíba-PI que revelou através da análise de conteúdo de Bardim (2009) como os mesmos lidam com suas particularidades, com a instituição escolar e a sociedade como um todo.

## **O PROCESSO DE PADRONIZAÇÃO E SUAS NUANCES**

### **MAGRA, BRANCA E DE CABELO LISO**

Na atualidade, a discussão e luta pela aceitação das diferenças e pela igualdade de direitos é cada vez mais presente. Um corpo magro, músculos para os homens, seios fartos para as mulheres, cabelos loiros e lisos, pele e olhos claros, essas são características dos padrões impostos pela sociedade e que faz com que se sintam excluídas e inferiores. Mas ao mesmo tempo em que tal ditadura exclui inúmeras campanhas e discursos acerca do assunto são realizadas ao redor do mundo para conscientizar e mostrar que a diferença existe e que esta deve ser aceita e incorporada pela sociedade.

Tais características citadas e problemas ocasionados pelas mesmas podem ser confirmados através da entrevista da aluna Brena, relatando que durante muito tempo de sua vida sofreu com os padrões de beleza cobrados, chegando ao ponto de se medicar e precisar ir

ao hospital fazer uma desintoxicação e um tratamento específico. Ela também nos contou que por conta dos apelidos recebidos e o forte desejo de ter um cabelo liso, aos 10 anos passou a utilizar química nos fios. O que ocorre com uma grande parcela da população, como aponta pesquisa mundial que mostra que apenas 4% das mulheres se definem como belas. (CONTAIFER, 2014).

Nas instituições de ensino o preconceito sobre essas pessoas surge através do bullying, que é uma realidade assustadora. Segundo Rabin (2015) o “excesso de peso” é a principal justificativa por trás do bullying contra crianças e alguma coisa precisa ser feita a esse respeito já que essa situação vai muito além da sala de aula.

De acordo com Fante (2005, p.32), algumas vítimas “[...] em casos extremos, podem tentar ou cometer suicídio. Os autores podem se tornar adultos agressivos, inclusive criminosos.” Aqueles que não superam o sofrimento vivido poderão crescer com sentimentos negativos reforçando uma baixa autoestima. Ainda segundo a entrevistada, na sua escola o tema não é discutido com tanta frequência, apenas quando ocorre alguma situação.

Levando em consideração as afirmativas e dados acima concluímos que é de extrema importância que haja intervenções eficazes como uma escola preparada para lidar com esta situação e professores capacitados por especialistas na área. Os agressores devem ter punições específicas, além da participação ativa dos pais na vida dos filhos na escola e terem consciência de tais atos.

## **THIS IS WHO I AM**

Quando se fala de “Gênero” sempre se remete a uma ideia de masculino e feminino, mas devemos ter consciência de que há muito mais para além das concepções de homem-mulher adotadas pela sociedade, o sexo não determina por si só, a identidade de gênero ou a orientação sexual de uma pessoa. Identidade de gênero diz respeito a como o indivíduo se sente e se enxerga, sem levar em consideração seu sexo biológico.

Transgênero são todas as pessoas que não se identificam com o sexo que é designado ao nascer, e na sociedade são impostas “caixas”, se o indivíduo nasce mulher só poderá gostar e fazer o que a sociedade definiu como papel da mulher, e as coisas que estão na “caixa” de ser mulher são: gostar de rosa, ser sensível, feminina, ter o extinto materno e outras coisas, e quem foge disso é taxado como errado e esquisito.

A ciência explica os transgêneros e assegura sua legitimidade, pois a partir da 10ª semana do embrião é formado seu órgão sexual enquanto o cérebro ainda esta em

desenvolvimento e só na 20ª semana se define área que dá a identidade de gênero, então não se pode dizer que é uma condição inata dada na formação do bebê. "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher", através da frase Beauvoir (1980, p. 9) podemos constatar que você se define a partir da construção social e consciência de quem você é ou quer ser, não é uma característica biológica que vai definir sua existência. E por conta da pressão de ser o que se é imposto essas pessoas sofrem por tentarem se encaixar nos padrões mesmo sem se sentirem contemplados e a não aceitação prejudica a interação social das pessoas em diversos âmbitos.

“Primeiro me descobri uma menina lésbica, no início foi muito difícil então eu passei a me perguntar se eu era mesmo uma menina, foi aí que me descobri como um menino trans. Foi muito difícil essa descoberta pra mim, por conta das outras pessoas e o que elas poderiam falar pra mim e o quão difícil isso é, tanto por que eu não me aceito com o meu corpo (...). Todo dia ter que acordar e se olhar no espelho e ver que você não é aquilo que você queria ser, é muito horrível (...). Tenho muito medo do julgamento da minha família, por que cai muito um preconceito sobre as pessoas trans por que as pessoas não têm muito conhecimento sobre e elas acabam falando coisas que não sabem, ficam julgando. A mesma coisa na escola e a mesma coisa na minha igreja. Isso me machuca muito, fico sofrendo por antecipação. Já sofrendo pelo preconceito que pode acontecer comigo. (...) Isso tá afetando muito na questão da escola, eu não tenho vontade de ir para a escola, de sair e nem falar com ninguém, só com as pessoas que sabem quem eu sou, por que elas me tratam do jeito que eu quero que elas me tratem”. (Extrato de entrevista: Thais, 14 anos, 2017).

No caso dos adolescentes conflitos podem ser observados no meio escolar, local onde estão inseridos e passam mais tempo, é comum nessa idade surgirem diversas questões, entre elas a sexualidade e gênero, que causam dúvidas e indagações como, “Quem sou eu?”, “Em que grupo me encaixo?”. Diante de tais situações, problemas sociais são ocasionados como bullying, homofobia, e preconceitos em geral, sendo importante que a escola tenha como função proporcionar um dia-a-dia confortável para essas pessoas, com medidas simples como promover debates, desconstruir ideias preestabelecidas sobre os papéis de gênero na sociedade, além dos professores não poderem propagar ideias e atividades machistas ou que reforcem as diferenças entre os gêneros, deve-se ser o mais neutro possível para poder contemplar a todos.

## **HOM(OFF)OBIA**

De acordo com os padrões sociais, tudo que não se encaixa dentro dos moldes determinados é recriminado. Em uma visão geral, segundo Nunes (2005) a sexualidade é definida como um conjunto de descobertas, crenças, práticas, escolhas, fantasias, e experiências relacionadas ao ato sexual construído ao longo da vida dos indivíduos. Este se encontra recoberto por valores morais, que são determinados por comportamentos e costumes sociais que dizem respeito ao coletivo.

Em relação à homossexualidade, para Mott (2003), ela significa “sexo igual” podendo ser aplicado tanto para homem que se relaciona com homem, quanto para a mulher que se relaciona com mulher. Durante muito tempo a homossexualidade foi vista e taxada como doença, contudo, em 1985 o Conselho Federal de Medicina retirou a homossexualidade da lista dos desvios sexuais, e em 1999 o Conselho Nacional de Psicologia confirmou a normalidade da orientação homossexual. Porém, nos dias atuais ainda encontramos pessoas com tal pensamento, o que ocasiona a homofobia, que na maior parte das vezes, ocorre por falta de conhecimento.

No âmbito escolar, a homossexualidade ainda é um tabu, gerando situações de desconforto para com os alunos que a frequentam, como nos foi relatado por Luan, que em uma situação teve sua cabeça colocada dentro do vaso sanitário por “colegas” de classe. Situações extremas também ocorrem como a de Alexandre, que por ter sofrido de perseguições e brincadeiras de mau gosto teve que mudar de escola para conseguir se sentir bem na escola.

“(…) Eu já sofri várias situações de preconceito, eu acho que principalmente na escola, por que quando eu era pequeno além de ser negro, eu era gordinho e rotulado como o viadinho da sala (...). (...) Eu já sofri muitas situações de preconceito e a pior delas foi quando eu tava no quarto ano e eu fui no banheiro na hora do recreio, aí um grupo de pessoas me seguiu até o banheiro e simplesmente colocaram minha cabeça na privada e eu não sei, não entendo até hoje o porquê (...). (...) O meu pai não mora comigo e com a minha mãe, ele mora em outra cidade, só que eu escutei uma vez uma conversa dos dois que independente do que eu fosse o meu pai ia me aceitar, só que eu sei que a minha mãe tem uma mente um pouco fechada, ela é de um tempo diferente e tudo mais, eu sei que ela me ama (...). Ela ainda não sabe sobre a minha sexualidade mas assim que ela souber a coisa que eu mais desejo é que ela me abraçe e diga que me ama.” (Extrato de entrevista: Luan, 14 anos, 2017).

Por outro lado, ao tempo que têm instituições que corroboram no preconceito, outras descontroem esse olhar, como salienta o entrevistado, para ele:

“(…) Eu cresci em uma família bastante religiosa e intolerante, então foi meio que tendo aquelas ideias na cabeça, “Meu Deus eu tenho que ser isso que eles estão dizendo”, eu fui contando para os meus amigos e fui descobrindo mais do mundo (...). Desenvolvi depressão e foi um tempo bastante ruim da minha vida, hoje eu sou muito grato por me aceitar (...). Em casa sofro preconceito desde que me assumi, mas assim, na escola, eu me mudei para cá justamente por isso e desde então eu me sinto muito bem aceito no Córrego, quando acontece algum tipo de situação aqui, como aconteceu antes, eu sei que a Sueli vai tratar muito bem, como ela já fez comigo e ela é uma pessoa maravilhosa.” (Extrato de entrevista: Alexandre, 15 anos, 2017).

Nesse sentido, concordamos com Lucion (2009), de que a escola deve ser pensada como um ambiente onde valores humanos, igualdade, respeito, solidariedade e democracia sejam os pilares fundamentais, e onde também, a exploração, e qualquer forma de discriminação seja rigorosamente combatida. Um novo mundo está por nascer e, talvez ele dê

seus primeiros passos na escola, para isso precisamos tomar consciência da discriminação e aos poucos desconstruirmos preconceitos, racismos, machismos e homofobias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em função do exposto podemos concluir que as condições citadas interferem no processo educativo, pois por conta do despreparo da sociedade para lidar com tais situações, problemas como bullying, preconceito e homofobia ainda são ocasionados fazendo com que cresça nos alunos um sentimento de incapacidade e desânimo de frequentar a escola ou estudar, essas pessoas ficam aprisionadas em seus medos, e por muitas vezes não terem apoio em lugar nenhum, nem em casa e muito menos na escola sentem-se desamparadas. Sendo de extrema importância o trabalho de desconstrução de paradigmas no meio escolar, utilizando-se de métodos como palestras, medidas para assegurar a proteção de quem se sentir violado, bem como a punição dos agressores e também de projetos que envolvam a comunidade, pois muitas vezes o preconceito ocorre por falta de informação.

Por isso a escola é um lugar tão importante para essas discussões, pois se for sensibilizada desde cedo à criança crescerá com empatia e respeito para com o outro, muitas vezes até corrigindo e ensinando seus pais a enxergarem o mundo de uma forma diferente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 9.

CIEGLINSKI, A. **Pesquisa revela que 87% da comunidade escolar tem preconceito contra homossexuais**. 2009. Disponível em:  
<<https://educacao.uol.com.br/ultnot/2009/07/24/ult105u8411.jhtm>>. Acessado em: 01 jun. 2017.

CONTAIFER, J. **Padrão de beleza: pesquisa mundial mostra que apenas 4% das mulheres se definem como belas**. 2014. Disponível em:  
<<http://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2014/01/17/noticias-saude,193097/padrao-de-beleza-pesquisa-mundial-mostra-que-apenas-4-das-mulheres-s.shtml>>. Acessado em: 01 jun.

2017.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUCION, C. **“Homofobia na escola pública”**. Maio/2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/981-4.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

MOTT, Luiz. **Homossexualidade: mitos e verdades**. 1ª ed. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2003.

NUNES, Cesar Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. 7ª ed. Campinas/SP. Papyrus, 2005.

RABIN, Roni Caryn. **Obesidade é principal justificativa por trás do bullying contra crianças**. 2015. Disponível em: <<http://mulher.uol.com.br/gravidez-e-filhos/noticias/redacao/2015/07/16/obesidade-e-principal-justificativa-por-tras-do-bullying-contras-criancas.htm>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

RIBEIRO, Carla Mirella M.do N.A. **Relações Humanas: Homossexualidade nas Escolas**. Disponível em: <<http://www.meuartigo.brasilecola.com/educacao/relacoes-humanas-homossexualidade-nas-escolas.htm>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: E. Objetiva, 2010.